Acervo ISA

Anais do IX Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Vol 2, pp 225-243. ABEP, OUT/1994, Belo Horizonte.

Dr. Roberto G. Baruzzi
CRM. 7161

CEDI - P. I. B.
DATA 28/03/95
COD P2D00046

OS ÍNDIOS PANARÁ: A BUSCA PELA SOBREVIVÊNCIA.

Roberto Geraldo Baruzzi[1]
Heloisa Pagliaro[2]
Rebeca de Souza e Silva[3]
Vivian Schivartche[4]
Helena Meziara[5]

INTRODUÇÃO

Em fevereiro de 1973 uma tribo indígena que vivia isolada no interior da floresta amazônica entra em contato com o nosso mundo. Encerrava-se, então, um processo de aproximação iniciado na década de 60, com uma primeira tentativa infrutífera, por parte dos índios e que seria posteriormente intensificada com a abertura da estrada Cuiabá-Santarém (BR-116), que cortaria suas terras tradicionais.

Os índios Kren-Akarore ou Panará (como se auto-denominam), viviam na região do Rio Peixoto de Azevedo, bacia do Tapajós, no norte do Estado de Mato Grosso, distribuídos em várias aldeias. Tinham como armas bordunas ou tacapes, arcos e flechas, utilizavam machados de pedra, não tinham canoas, não possuíam cerâmicas e não conheciam o cão doméstico.

Ao longo do processo de aproximação os Panará sofreram acentuada perda populacional. Ao se dar o contato a população era de 140 a 150 índios; estudos retrospectivos indicam que no início da década anterior esse número situava-se entre 350 e 500. Dois anos após o contato, em janeiro de 1975, face à contínua queda populacional e aos riscos decorrentes da proximidade da BR-116, os Panará são levados, por avião, para o Parque Indígena do Xingu (PIX), onde passa a se desenrolar uma nova etapa de sua trágica trajetória. Foi uma medida que encontra justificativa, mas que causou certa controvérsia no período vigente, que ainda hoje persiste.

1 Professor Titular do Depto de Medicina Preventiva da Escola Paulista de Medicina.
2 Demógrafa do DMP-EPM.
3 Professora do DMP-EPM.
4 Bolsista do CNPq.
5 Bolsista do CNPq.

Acervo ISA

Ingressaram no PIX 79 índios que, após alguns meses, foram levados a conviver com os Txucarramãe, seus mais tradicionais inimigos. Um ano após se deslocam para outro local, dentro do PIX, onde constróem sua aldeia. Estavam reduzidos a 67 índios, alguns haviam permanecido entre os Txucarramãe, em união conjugal, alguns óbitos também ocorreram. A perda populacional levara à desestruturação sócio-cultural do grupo, muitas lideranças tinham perecido. Pode-se afirmar, no entanto, que a partir daquele ano começou um processo lento de recuperação populacional e cultural e de melhor relacionamento com as demais tribos do PIX. Os Panará ainda iriam se deslocar para outros pontos do Parque, até estabelecerem sua aldeia às margens do Rio Manitsaua-Missu, onde se encontram há 3 anos.

Persiste entre os Panará forte sentimento de nostalgia em relação ao tempo em que habitavam seu território tradicional levando-os a reinvindicar o retorno às suas terras ancestrais. Aquele território, porém, sofreu grandes mudanças, decorrentes da ocupação indiscriminada e da ação deletéria de garimpos de ouro que lá se localizaram.

Decorridos 20 anos do contato, pode-se avaliar qual foi o impacto provocado pela quebra do estado de isolamento em que viviam e quais as repercussões advindas do processo de adaptação a uma nova era.

O presente trabalho pretende estudar, para o período de 1973-1993, a evolução da população Panará e suas condições de saúde e de sobrevivência, através da mortalidade por causas e de estimativas de esperança de vida.

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Do Isolamento aos Primeiros Contatos

Os índios Panará constituem uma sociedade do tronco lingüístico Gê. No vocabulário próprio desse grupo indígena, Panará significa "gente". Outra denominação atribuída a esses índios pelos Txucarramãe é Kren-Akarore, que significa "gente de cabelo cortado redondo".

Na década de 50, houve notícias dos Panará através de relatos dos Caiapós e da presença de um índio Panará numa aldeia Txucarramãe. Este índio, chamado Menguir, foi visto pelos Villas Boas no segundo contato com os Txucarramãe, tendo sido capturado por estes aos cinco anos de idade. Possuia estatura de 2,03 metros. Foi então criado o mito dos "índios gigantes", reforçado pelo encontro nas aldeias Panará de bordunas (ou tacapes) muito compridas.

A presença dos Panará na bacia do Rio Peixoto foi registrada a partir de 1961, quando da morte a flechadas do expedicionário inglês Richard Mason, próximo à base aérea da Serra do Cachimbo (Pará).

Em 1967 os Panará apareceram na base aérea do Cachimbo assustando os funcionários da Força Aérea Brasileira (FAB) que os recepcionaram a tiros. Após o incidente, os índios fugiram mata adentro. A pedido da Aeronáutica, em maio de 1968, foi realizada a primeira tentativa de aproximação com os Panará. A expedição, chefiada pelos irmãos Villas Boas, desceu o Rio Xingu, subiu o Rio Manitsauá e, através de uma picada na Serra do Cachimbo, alcançou o Rio Peixoto de Azevedo, onde desceu até a aldeia chamada Sonkurnasan, previamente localizada por avião. Ao entrarem na aldeia, esta havia sido abandonada pelos índios. Mesmo assim, Cláudio Villas Boas permaneceu acampado nas proximidades por cinco meses na esperança de algum contato. Foram localizadas mais três aldeias, também abandonadas, às margens do rio. A expedição teve seu término em Janeiro de 1969.

Em 1968, houve um ataque dos Caiapó, que munidos de armas de fogo mataram 26 índios Panará. O ataque desencadeou um processo de fuga e concentração das aldeias em áreas distantes dos Caiapó e da população branca. No ano seguinte, ocorreu um incidente com os Panará no cruzamento das rodovias BR-165 e BR-80, próximo à base aérea do Caximbo. A falta de comida e a discórdia política aumentavam nas aldeias Panará, e muitos passaram a defender o contato.

O Brasil vivia naquele momento uma política de ocupação de seu território. Como parte desta política, são iniciados em janeiro de 1972 os trabalhos de topografia da rodovia BR-116 (Cuiabá-Santarém). Verificado que a estrada cortaria o território Panará, foi solicitada a colaboração dos irmãos Villas Boas. Em 18 de janeiro de 1972 nova expedição partiu do Cachimbo, com Cláudio e vinte e oito índios. Após quatro meses alcançaram o Rio Peixoto de Azevedo e encontraram vestígios dos Panará. #s margens do rio foi aberto um campo de pouso e a aldeia foi localizada por avião. Os Panará apareceram em julho, mas se afastaram ao perceber a presença do grupo, retornando à aldeia de Yopuyupó, ao sul, que contava com aproximadamente 120 índios. Com a presença de mais de 150 a 180 índios do norte que ali se refugiaram, houve falta de comida e ocorreu uma epidemia de gripe. Esse período foi chamado pelos índios de "o tempo em que todo mundo morreu".

Os membros da expedição construíram novo campo de aviação e colocaram presentes na mata. Durante dois meses os índios não recolheram os presentes deixados na mata, mas, finalmente, um grupo deles apareceu na margem oposta do rio, em frente ao acampamento. Cláudio

Acervo ISA

Villas Boas e alguns índios xinguanos atravessaram o rio, mas os Panará se afastaram, desaparecendo na mata. Após esse episódio, os índios passaram a recolher os presentes (machados, colares, facas, espelhos e panelas) durante a noite.

Em fevereiro de 1973, na margem oposta do rio surgiram cerca de 30 Panarás. Cláudio atravessou o rio, enquanto eles se afastavam para a mata, a seguir, distanciando-se dos índios xinguanos que o acompanhavam, conseguiu chegar a 20 metros dos Panará, mas estes recuavam quando ele tentava entregar-lhes presentes. Cláudio simulou que machucou o pé e que não podia andar, sentando-se com as costas voltadas para os Panará. Com isto, eles se aproximaram e Cláudio entregou os presentes diretamente na mão de um deles. Deu-se então a aproximação tão esperada, através da troca de presentes. Alguns dias após, Rubens Belfort membro da equipe do Projeto Xingu da EPM tirou uma foto à distância, de um índio Panará, quando este surgia da mata com uma faca na mão. Esta foto foi divulgada pela imprensa no Brasil e no exterior. Após quatro dias, dez Panará foram até o acampamento expedicionário, permanecendo lá por algumas horas.

Cláudio ficou na área por dois meses, chegando a entrar numa das aldeias. Nesta aldeia, havia entre oito e dez abrigos rústicos, feitos de ramos e galhos, cobertos por folhas de bananeira.

Segundo estimativas feitas pelos antropólogos, Richard Heelas e Stephan Schwartzman, a população Panará, antes de iniciar o processo de contato, seria, respectivamente, de 425 a 525 índios, ou de 330 a 500 índios, distribuídos em onze aldeias, ao longo da bacia do Rio Peixoto de Azevedo, que se comunicavam por uma rede de caminhos. As aldeias eram construídas longe dos grandes rios, mata adentro, próximas a riachos. Cada aldeia se dividia em quatro clãs, cada qual habitava sua maloca. Estas ficavam em torno de uma praça central e, no meio, duas casas dos homens. As habitações eram feitas de fibra trançada coberta com palmas e folhas de bananeira; as paredes eram de folhas, com aberturas para a praça central. No chão, amontoados de palha serviam para dormir.

A economia de subsistência dessa população baseava-se na caça, pesca, plantação e colheita. As tarefas eram divididas por sexo e idade. Os índios saíam para caçar em grupos, munidos de bordunas, arcos e flechas, sendo o produto dividido entre o grupo. As presas mais frequentes eram: anta, macaco, tartaruga, paca e capivara. Os animais proibidos eram: cobra, umbu, jacaré, vermes e lesmas. Para pescar, usavam arco e flecha e timbó (liana), pegando principalmente tucunaré, pintado e arraia. Os homens eram responsáveis pela plantação e as mulheres, pela colheita das roças de milho, mandioca (aipim), batata-doce e amendoim. Com esses ingredientes, faziam uma espécie de pão chamado kiampo, assado dentro de uma

folha de bananeira coberta com pedras quentes. Coletavam fungos, raízes, palmito, pequí, castanha e mel. Não conheciam o cão doméstico e não possuíam barcos.

Os utensílios usados pelos Panará consistiam em algumas facas conseguidas em guerra, bordunas e pás feitas de madeira, machados de pedra e de dentes e lixas de folhas. Não possuíam potes nem panelas.

Segundo Cláudio Villas Boas, ao se estabelecer o contato os Kren Akarore eram 140 índios; Sidney Possuelo aponta para 150.

Alguns meses após o contacto, a BR-116 atingiu o Rio Peixoto de Azevedo, facilitando o acesso indiscriminado à área. A FUNAI construiu uma aldeia (Korokoko) a alguma distância da estrada, mas os Panará, atraídos pelo movimento de caminhões, ônibus e carros, se recusaram a deixar suas proximidades. Começa uma fase marcada por uma sucessão de doenças e óbitos. Diante dos riscosa que os Panará estavam expostos, foi tomada a decisão de removê-los para o PIX, situado mais a leste.

Em 12 de janeiro de 1975 os Panará foram transferidos por via aérea, em avião da FAB, para o PIX. Havia 82 sobreviventes, estando três deles em Cuiabá para tratamento médico.

A Entrada no Parque Indígena do Xingu

Os Panará foram levados para o Posto Diauarum, onde encontram os irmãos Villas Boas, jornalistas e cinegrafistas. O exame médico, por equipe da EPM, acusaria a presença de 41 homens e 38 mulheres.

No dia seguinte, os índios foram levados do Diauarum para a aldeia do Prepuri (Caiabi) onde havia duas casas e uma roça de milho oferecidas a eles. Seis semanas depois foram removidos para o Kretire (aldeia dos inimigos Caiapó) pois a roça da aldeia Caiabi tinha se esgotado. No Kretire ocorreram vários casamentos de mulheres Panará com homens Caiapó.

Em novembro, mudaram-se para a aldeia Suiá (no Rio Suiá Missú) onde voltaram a plantar roça, retomaram seus rituais e melhoraram as relações com outros índios do PIX.

Em 1976, segundo dados da EPM, a população da aldeia Panará era de 67 índios, sendo que outros dez haviam permanecido na aldeia Kretire. Em junho daquele mesmo ano foram morar numa antiga aldeia Caiabi, entre os rios Suiá-Missú e Xingu. Ali permaneceram até maio de 1983, quando se transferiram para um local situado na margem esquerda do rio Xingu, ao Sul da rodovia BR-80, que cruza o Parque no sentido leste-oeste.

Acervo ISA

Em 1989, devido à morte do filho de um dos líderes e à escassez de alimentos, mudaram-se para a aldeia atual, no Rio Manitsaua-Missu.

Fase Atual

Atualmente, como estão os Panará? Em janeiro de 1993, na aldeia às margens do Rio Manitsaua-Missu, viviam 137 índios Panará, 63 homens e 74 mulheres.

Ao longo dos anos, houve uma progressiva adaptação ao novo meio ambiente: os Panará aprenderam a lidar com canoas e barcos a motor e adquiriram maior habilidade para pescar em grandes rios e começaram a plantar roças de mandioca.

Até agora, apesar de habituados à vida no Xingu, eles consideram o PIX como um abrigo temporário, pois é na Bacia do Tapajós que se encontram sua história, suas raízes e seus antepassados.

O Rio Peixoto de Azevedo, contudo, não é o mesmo de 1973. Foi invadido por garimpeiros que, em busca de ouro, contaminaram suas águas com mercúrio, agredindo a flora e fauna locais. Onde antes havia mata, hoje há cidades como Alta Floresta, Matupá e Peixoto de Azevedo.

Mesmo informados desta situação, os Panará insistem no retorno ao território tradicional, tendo sido escolhida uma área, próxima à cabeceira do Rio Iriri, que mostra menos sinais de ocupação.

MATERIAL E MÉTODO

Visando reconstruir historicamente a trajetória sócio-cultural e demográfica dos índios Panará, realizou-se, junto ao Arquivo da Unidade de Saúde e Meio Ambiente-USAMA/EPM, um levantamento das fichas médicas que contêm informações detalhadas: foto de identificação, número de registro, nome, data de nascimento, sexo, ano de abertura da ficha, primeiro exame físico, carteira de vacinação, e dados de intercorrências clínicas posteriores. Além destes dados, há também os nomes e números dos ascendentes, descendentes e cônjuges. As fichas estão agrupadas por famílias de acordo com o chefe da casa. Este arquivo, iniciado em 1966, contém dados sobre os Panará a partir de fevereiro de 1975.

Informações complementares foram colhidas por entrevistas com membros das equipes de saúde da EPM que atuaram ou vêm atuando no PIX, e por consulta bibliografica.

RESULTADOS

Aspectos Demográficos

Composição por Idade e Sexo

Uma primeira aproximação sobre aspectos demográficos da população Panará pode ser feita por meio de sua composição etária, que reflete as alterações das variáveis responsáveis pela dinâmica demográfica.

Os dados disponíveis permitiram recompor as estruturas etárias dos Panará em 1975, momento de ingresso do grupo no PIX, e em 1993, dezoito ano após sua permanência na área. Isto possibilitou a avaliação, tanto do processo demográfico vivido no passado pelas gerações sobreviventes em 1975, quanto das mudanças ocorridas durante os dezoitos anos seguintes, através das novas gerações e das gerações sobreviventes em 1993.

O padrão irregular destas duas estruturas etárias se deve principalmente a variações aleatórias causadas pelo número excessivamente restrito desta população, situação em que pequenas diferenças absolutas provocam grandes variações relativas. No entanto, apesar destas considerações, as configurações das composições etárias, tanto por grandes grupos, quanto por grupos qüinqüenais de idades, refletem a ocorrência de significativas mudanças demográficas no período considerado.

O grupo de 79 índios que ingressou no Parque em 1975, era composto de crianças e adolescentes de 0 a 19 anos (58,3%), e por jovens adultos com idades entre 20 e 44 anos (41,7%). Em 1993, dezoito anos após o ingresso do grupo no PIX, a estrutura etária desta população está ainda mais rejuvenescida, embora já esboce sinais de aumento de longevidade. A proporção de pessoas de 0 a 19 anos, e portanto nascidas e sobreviventes entre 1974 e 1993, aumenta para 68,0%, indicando rejuvenescimento. O peso relativo deste grupo etário só não é ainda maior, devido ao aumento da sobrevivência das gerações nascidas antes da chegada do grupo no PIX, que já atingem idades entre os 45 e 59 anos, em 1993, e representam 7,0% do total da população (Tabela 1).

As estruturas etárias de 1975 e de 1993, detalhadas em grupos de idades qüinqüenais, representadas em forma de pirâmides, ilustram o processo de transição de um regime demográfico de alta mortalidade e baixa natalidade e, portanto, de decréscimo populacional, para um estágio em que a mortalidade declina e a natalidade aumenta ou permanece constante, provocando a elevação do crescimento populacional (Figuras 1, 2 e 3).

Acervo ISA

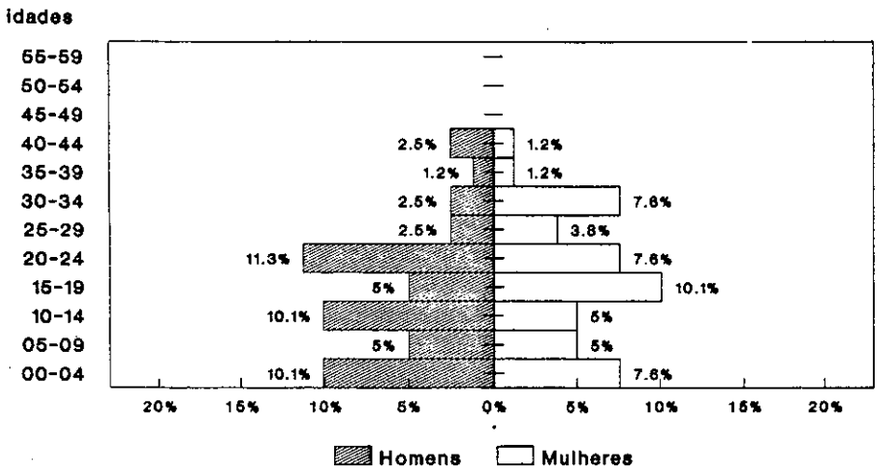
TABELA 1

POPULAÇÃO PANARÁ
GRANDES GRUPOS DE IDADE POR SEXO
FEVEREIRO DE 1975 E 1993 (%)

GRUPOS DE IDADES	TOTAL	1975 HOMENS	MULHERES	TOTAL	1993 HOMENS	MULHERES
0-19	58,3	60,0	56,3	68,0	67,8	68,0
20-44	41,7	40,0	43,7	25,0	24,6	25,3
45-59	--	--	--	7,0	7,6	6,7
60 E +	--	--	--	--	--	--
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

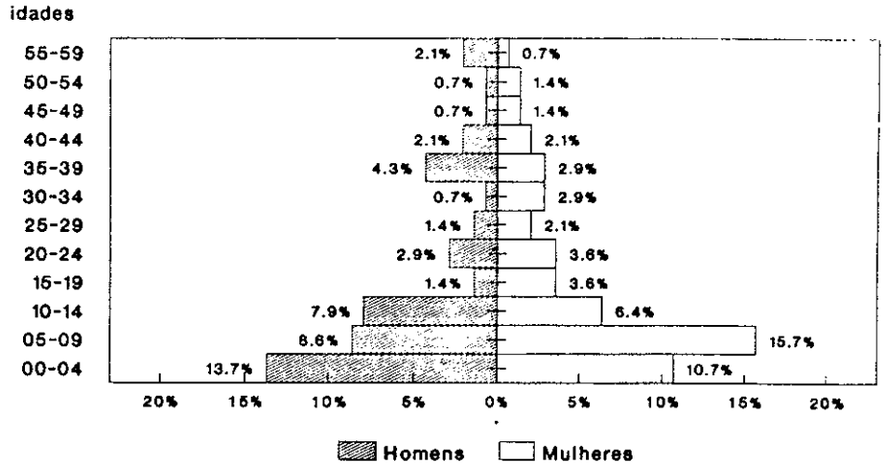
Fonte: EPM, USAMA

Figura 1-Pirâmide Etária da População Panará Parque Indígena do Xingu 1975



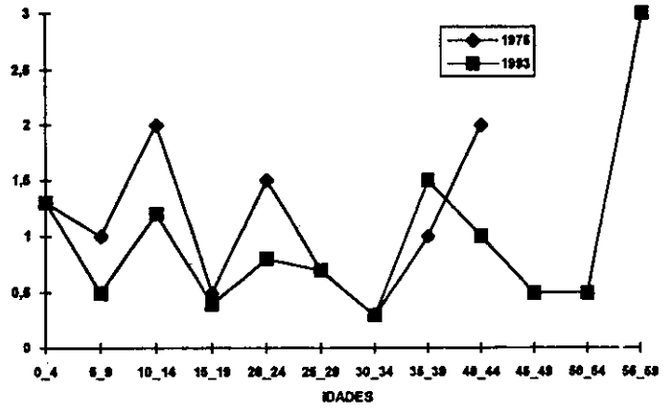
População: 79 índios
Unidade de Saúde e Meio Ambiente
Depto. Medicina Preventiva - EPM

Figura 2-Pirâmide Etária da População Panará, Parque Indígena do Xingu 1993



População: 140 índios
Unidade de Saúde e Meio Ambiente
Depto. Medicina Preventiva - EPM

Figura 3 - População Panará. Razões de Sexo 1975 e 1993



Fonte: EPM, USAMA

Acervo ISA

As principais modificações observadas nas pirâmides etárias, e que fundamentam a passagem por esse processo demográfico, dizem respeito: ao alargamento da base, estreitamento localizado em idades jovens e adultas, e elevação da cúspide. O alargamento da base, reflete a combi- nação da elevação do número de nascimentos e do aumento da sobrevi- vência nestas idades. O estreitamento dos retângulos que representam a população jovem e adulta que, em 1993, em alguns casos chega a ser três vezes menor do que em 1975, reflete a baixa natalidade e a alta mortalidade de gerações nascidas antes de 1975. E, finalmente, a elevação da cúspide que, em 1975, limitava-se a atingir os 40 anos e, em 1993, atinge os 59 anos, aponta para uma redução da mortalidade e conseqüente elevação da esperança de vida.

A idade mediana, considerada como outro indicador de análise da composição etária, localiza-se em 17,5 anos em 1975 e em 10,5 anos em 1993. Isto aponta para uma estrutura etária eminentemente jovem em 1975 e confirma a passagem desta população por um processo de rejuvenes- cimento ainda mais intenso durante o período considerado.

A avaliação da composição por sexo através das razões de sexo (RS), fornece elementos importantes para a compreensão do processo de reprodução desta população, sobretudo no que tange o potencial de população disponível para garantir a procriação e a reposição populacional, a formação de uniões conjugais em sociedades monogâmicas e a compreensão do sistema de uniões poligâmicas; e o desempenho de papéis e funções na organização social e de produção.

A composição por sexo do grupo no momento de seu ingresso no PIX, indicava equilíbrio entre os sexos (RS = 1,03). Dezoito anos depois, o número de mulheres é 15% superior ao de homens, resultando numa razão de sexo de 0,87. As razões de sexo por idades, embora se comportem de maneira errática, e desviem-se do padrão esperado em sociedades não indígenas, indicam que esta superioridade numérica feminina se dá principalmente entre as idades de 15 a 34 anos.

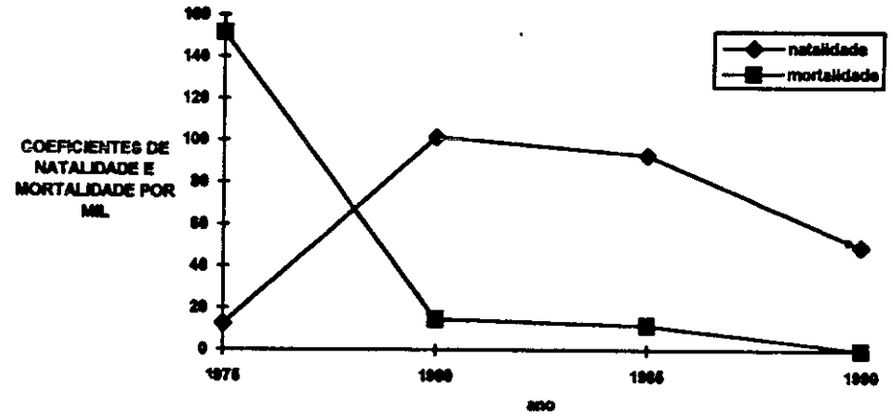
O equilíbrio entre os sexos nas idades citadas tem importância fundamental para a formação das uniões e para a reprodução da população. Aos 15 anos, habitualmente têm início as uniões conjugais e dos 20 aos 34 anos a fecundidade costuma ser mais intensa. Embora as uniões poligâmicas não sejam muito freqüentes entre os Panará, alguns membros do grupo vivem neste tipo de união, indicando que esta prática pode estar sendo utilizada como estratégia reguladora face ao aumento do número de mulheres com relação ao de homens. Assim, a elevada proporção de mulheres nestas idades, associada à pratica de uniões poligâmicas, poderia se constituir num fator determinante do aumento da natalidade observado durante o período considerado.

Tendências da Mortalidade

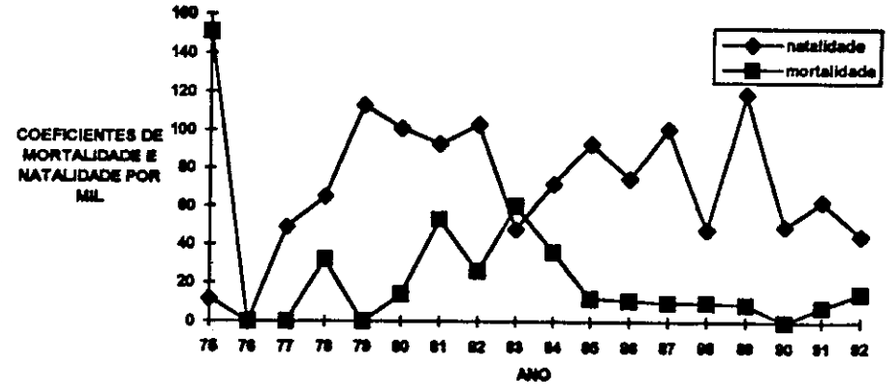
A taxa bruta de mortalidade, muito elevada no momento de entrada no PIX (152%), passa a declinar a partir dos primeiros anos, com acentuada oscilação, para se estabilizar a partir de meados da decada de oitenta, situando-se em torno de 10% (Figura 4).

Figura 4

Coeficientes de Natalidade e Mortalidade Gerais da População Panará



Coeficiente de Natalidade e Mortalidade Gerais por Ano da População Panará



Acervo ISA

No levantamento das principais causas de óbito na população Panará, no período 1975-1993, optou-se pela classificação em cinco grandes grupos: Doenças Infecciosas e Parasitárias, Doenças do Aparelho Respiratório, Causas Externas, Outras Causas e Sintomas, Sinais e Afecções Mal Definidas.

As Doenças Infecciosas e Parasitárias foram as causas mais freqüentes de óbitos (33,3%), sendo 75% por malária e 25% por outras infecções. Na população masculina esse grupo de doenças foi responsável por 30% dos óbitos, e na feminina por 37,4% (Figuras 5 e 6).

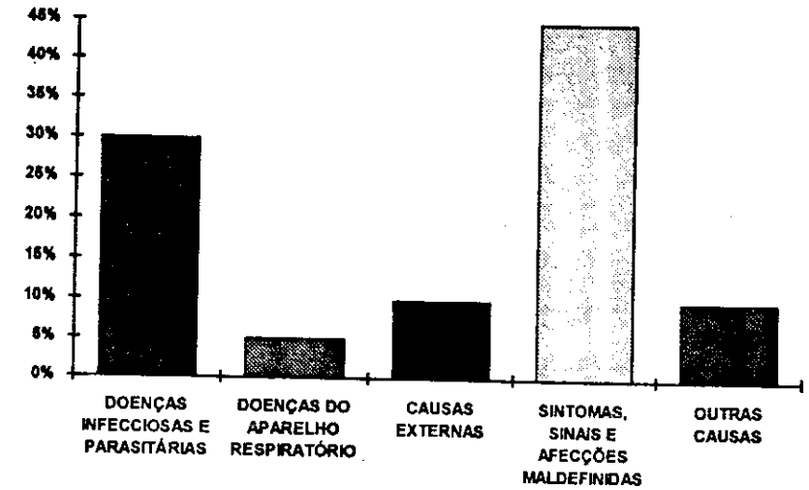
As Causas Externas representaram 13,9% do total de óbitos, sendo 10% no sexo masculino e 18,8% no feminino. Entre os homens estes óbitos ocorreram por acidentes e, entre as mulheres, devido à intoxicação por ingestão de mandioca brava, que contém cianureto. Existe mais de uma versão para estes óbitos femininos. A primeira seria de que duas das três mulheres intoxicadas teriam cometido suicídio por problemas conjugais; a outra versão seria de ingestão por desconhecimento da ação tóxica da mandioca brava e da correta forma de sua preparação.

As doenças do Aparelho Respiratório representaram 11,1% do total dos óbitos, dentre os quais 75% em menores de um ano. Na população masculina, as doenças respiratórias causaram apenas 5% dos óbitos e na feminina 18,8%.

Os Sintomas Sinais e Afecções Mal Definidas representaram 36,1% do total de óbitos, sendo 45% no sexo masculino e 25% no feminino. A maioria dos óbitos classificados neste grupo se deu no ano de 1975, que marca o momento de chegada dos Panará no PIX, quando ainda havia dificuldades de comunicação e se iniciava a implantação do registro médico. A partir de então, com as quatro visitas anuais da equipe de saúde, e com a presença mais permanente de profissionais da saúde e de monitores indígenas, as mortes passaram a ser melhor definidas, sendo quase inexistentes as causas mal definidas.

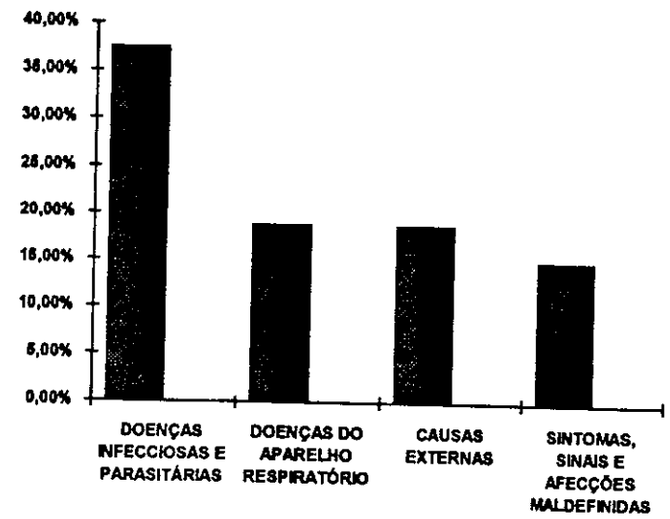
As Outras Causas de morte representaram apenas 5,6% do total de óbitos e dentre elas não se verificando a ocorrência de óbitos causados por doenças crônico-degenerativas. Isto poderia ser explicado pelo fato de a população inicial estar menos exposta a fatores de risco para essas doenças, tanto por sua estrutura etária excessivamente jovem, quanto por fatores ligados a hábitos alimentares, meio ambiente e atividade física. Apesar do aumento da longevidade da população, observado nos dados relativos a 1993, não se observou o aparecimento dessas doenças entre os Panará.

FIGURA 5:
POPULAÇÃO PANARÁ - PRINCIPAIS CAUSAS DE ÓBITO - SEXO MASCULINO
1975 - 1993



Fonte: EPM, USAMA

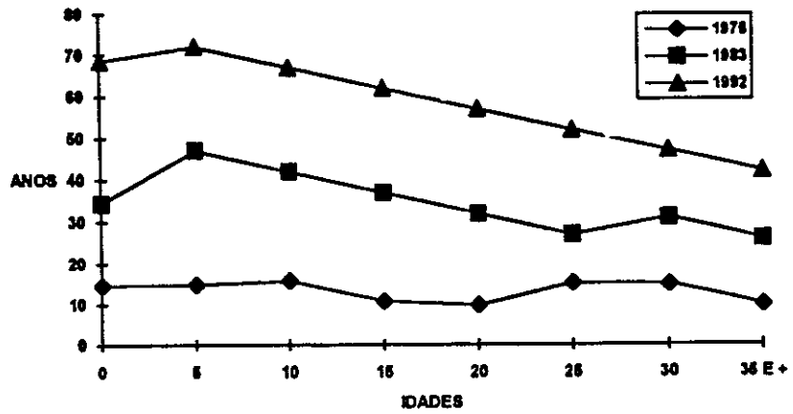
FIGURA 6:
POPULAÇÃO PANARÁ - PRINCIPAIS CAUSAS DE ÓBITO - SEXO FEMININO
1975 - 1993



Fonte: EPM, USAMA

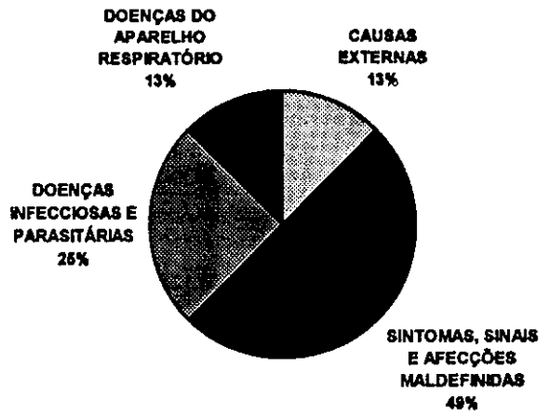
Acervo ISA

FIGURA 7:
POPULAÇÃO PANARÁ
ESTIMATIVAS DE ESPERANÇAS DE VIDA PARA 1975, 1983 E 1992



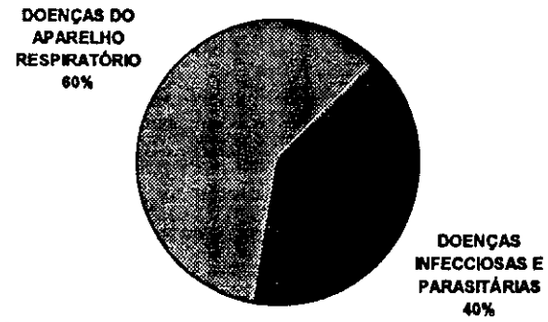
Fonte: EPM. USAMA

FIGURA 8 :
POPULAÇÃO PANARÁ
PRINCIPAIS CAUSAS DE ÓBITO EM MENORES DE 1 ANO- SEXO MASCULINO
1975 - 1993



Fonte: EPM, USAMA

FIGURA 9:
POPULAÇÃO PANARÁ - PRINCIPAIS CAUSAS DE ÓBITO EM MENORES DE 1 ANO- SEXO FEMININO
1975 - 1993



Fonte: EPM, USAMA

As probabilidades de morte ($_nq_x$) estimadas com base na relação entre o número médio de óbitos e o número médio de sobreviventes por grupos de idades, nos anos de 1975, 1983 e 1992, permitiram uma aproximação da esperança de vida do nascimento até os 35 anos de idade, na hipótese em que o regime de mortalidade desses três momentos tivesse sido vivenciado por três gerações fictícias (Tabela 2).

TABELA 2

POPULAÇÃO PANARÁ
PROBABILIDADES DE MORTE (n^qx) E ESPERANÇAS DE VIDA (e^0x)
ESTIMADAS PARA 1975, 1983 E 1992

IDADES	n^qx 1975	n^qx 1983	n^qx 1993	e^0x 1975	e^0x 1983	e^0x 1993
0	0,28571	0,24793	0,11236	14,68	34,44	68,52
5	0,31250	0,00000	0,00000	14,96	46,95	72,00
10	0,00000	0,00000	0,00000	15,84	41,95	67,00
15	0,3225	0,00000	0,00000	10,84	36,95	62,00
20	0,58824	0,00000	0,00000	9,82	31,95	57,00
25	0,27027	0,27027	0,00000	15,27	26,95	52,00
30	0,00000	0,00000	0,00000	15,00	31,00	47,00
35 e +	1,00000	1,00000	1,00000	10,00	26,00	42,00

Fonte: EPM. USAMA

Acervo ISA

O pequeno número de casos não permite que se obtenha precisão sobre as séries de probabilidades de morte estimadas e sobre as esperanças de vida delas resultantes. No entanto, estes dados permitem uma aproximação, embora não muito refinada, do que pode ter sido em 1975, 1983 e em 1992 a esperança de vida desta população.

As séries de esperanças de vida obtidas apontam para ganhos importantes em anos de vida durante o período. Para o ano de 1975, a espe- rança de vida ao nascer estimada foi de 14,7 anos, para 1983 de 34,4 anos e, finalmente, para 1992, de 68,5 anos. Estas estimativas mostram um ganho em anos de vida ao nascer, da ordem de 54 anos. Esta elevada variação pode ser explicada pelo pequeno número de casos já referidos,e também pelo acentuado declínio da mortalidade, principalmente da mortalidade infantil (Figuras 6 e 7).

A série de nascimentos vivos e de óbitos de menores de um ano, por gerações, exprime o descenso ocorrido no período de forma mais contundente do que os coeficientes de mortalidade infantil, o descenso ocorrido no período. Entre as três crianças nascidas vivas no ano de 1974, duas faleceram em 1975 antes de completarem um ano de vida, o que corresponde a um coeficiente de 666,7%; em 1991, último ano em que ocorreu óbito de menores de um ano, faleceu uma criança dentre as oito nascidas, correspondendo a um coeficiente de 125% (Tabela 3).

TABELA 3

POPULAÇÃO PANARÁ
NASCIMENTOS, ÓBITOS E COEFICIENTES
DE MORTALIDADE INFANTIL POR GERAÇÃO

GERAÇÃO	NASCIMENTO VIVOS	ÓBITOS	CMI - %0
1974	3	2	666,7
1975	1	0	-
1976	0	0	-
1977	2	0	-
1978	4	1	250,0
1979	7	1	142,9
1980	7	1	142,9
1981	6	2	333,3
1982	8	3	375,0
1983	4	0	-
1984	6	0	-
1985	8	0	-
1986	7	1	142,9
1987	10	0	-
1988	5	0	-
1989	13	0	-
1990	6	1	166,7
1991	8	1	125,0
1992	6	0	-
1974 - 92	111	13	117,1

Fonte: EPM,USAMA

Dentre os 13 óbitos de menores de um ano registrados entre 1975 e 1993, 61,5% foram de meninos e 38,5% de meninas. As Doenças Infecciosas e Parasitárias, as Doenças do Aparelho Respiratório e os Sintomas, Sinais e Afecções Mal Definidas foram responsáveis, respectivamente, por 30,8% destes óbitos; e as Causas Externas por 7,6%. Dos óbitos por Doenças Infeciosas e Parasitárias, 75% foram causados por malária.

Entre os óbitos do sexo masculino, 50% foram por Sintomas Sinais e Afecções Mal Definidas, 25% por Doenças Infecciosas e Parasitárias e 12,5% por Doenças do Aparelho Respiratório e por Causas Externas, respectivamente. Dentre os óbitos femininos, 60% se deram por Doenças Infecciosas e Parasitárias e 40% por Doenças do Aparelho Respiratório.

DISCUSSÃO

A variação do efetivo inicial de 79 para 140 índios, num período de 18 anos, corresponde a uma taxa de crescimento médio anual da ordem de 3,2%. O componente vegetativo é o fator responsável por este elevado índice de crescimento e decorre da elevação e quase estabilização dos níveis de natalidade, principalmente a partir do início dos anos oitenta, e do acentuado declínio da mortalidade que teve início após os primeiros anos de permanência do grupo no Parque.

O crescimento populacional teria sido ainda mais elevado, caso o saldo migratório não tivesse sido negativo. As perdas por emigração, que puderam ser registradas, correspondem a 19% da população inicial (1975). Durante o período 1975-93, 15 índios deixaram o grupo em conseqüência de casamentos exogâmicos, e seus descendentes estão hoje integrados em outras aldeias. Por outro lado, não se tem registro de ingresso no grupo de índios originários de outras tribos.

De um período de acentuado declínio populacional, que quase provocou a extinção do grupo, desencadeado a partir das primeiras tentativas de aproximação ainda na década de sessenta, teve início, a partir dos anos oitenta, um processo de recuperação demográfica. Este processo se origina de reações do grupo às ameaças à sua existência e de melhoria das condições de saúde que contribuíram para elevar e estabilizar os níveis de natalidade e reduzir a mortalidade a níveis relativamente baixos e constantes, propiciando a aceleração do crescimento vegetativo.

O processo de recuperação demográfica, observado entre os Panará, também ocorreu em outros grupos indígenas brasileiros. Alguns grupos localizados no Brasil Central, como os Juruna e os Krahó, e outros

Acervo ISA

da região Norte, como os Ticuna e Walpishina, possuem hoje alta fecundidade e mortalidade relativamente baixa, encontrando-se, em processo de franca recuperação demográfica (Salzano, 1984).

Os Xavantes do norte do Mato Grosso são apontados como comunidades que também se encontram em fase de recuperação demográfica, com taxas de crescimento médio anual em torno de 5,6% (Penna e Lopes da Silva, 1982). Os Kaingang, Terena e Guarani das reservas do interior do Estado de São Paulo passaram de um processo de recuperação demográfica para uma fase de desaceleração no final dos anos oitenta (Wong, 1989).

Na hipótese em que se mantenham os atuais padrões de crescimento pode-se prever que os Panará irão recuperar, nas tres décadas futuras, o contingente populacional que possuíam no início dos anos sessenta.

O grande desafio presente é impedir que a amarga experiência vivida pelos Panará venha a se repetir com grupos nativos que, embora em número cada vez mais reduzido, ainda vivem em estado de isolamento no interior da Hiléa Amazônica ou, eventualmente, de outras áreas tropicais.

BIBLIOGRAFIA

BARUZZI R.G., MARCOPITO L.F. et al.1976. "The Kren-Akarore: a recently contacted indigenous tribe, Central Brazil". In "Health and disease in tribal societies", Ciba Foundation Symposium 49 (New Series), Elsevier/Excerpta Medica, Amsterdam, Oxford, New York.

CROWELL, A. 1961."The heart of the forest". Camelot Press, London.

-----. 1973."The tribe that hides from man". The Bodley Head Ltd., London.

-----. 1990. "The Decade of Destruction". Henry Holt and Company, Inc. New York, USA.

HEELAS, R. H. 1979. " The social organization of the Panará, a Gê tribe of Central Brazil". Doctoral Dissertation, St. Catherine's College, Oxford University.

MARCOPITO, L. F. 1979. " Amarga renúncia à terra de origem". Revista de Atualidade Indígena, ano III n*19. Nov/Dez 1979. FUNAI, Brasília.

PENNA, T. e LOPES DA SILVA, A. 1983. Demografia Xavante: Algumas Reflexoes Iniciais. Anais do Encontro Nacional de Estudos Populacionais-ABEP. V.3. Vitoria, E.S.

PUTTKAMER, W.J.von. 1975. "Brazil's Kren-Akarore.Réquiem for a tribe?". National Geographic. Washington DC. February. Vol 147 n. 2, pg 254-269.

SALZANO, M.F. 1982. Fertilidade, Mortalidade, Migracao e Miscigenacao em 14 Tribos da America do Sul. Anais do Encontro Nacional de Estudos Populacionais - ABEP. V.3, Vitoria, E.S..

SCHWARTZMAN, S. 1992. "Os Panará no Peixoto de Azevedo: um resumo de sua história recente". Environmental Defense Fund, May 13, 1992.

SANTOS, J.L., 1980. Dinâmica da População: teoria, métodos e técnicas. TAO, SP.

VIDAL, L. 1982. Demografia dos Grupos Etnicos Minoritarios. Anais do Encontro Nacional de Estudos Populacionais - ABEP. V.3, Vitoria, E.S..

WONG, L.R. 1989. A Dinamica Demografica dos Indios do Interior do Estado de Sao Paulo. Relatorio de pesquisa Programa de Bolsas da ABEP. Mimeo.